

Pós-modernismo:

"Quanto ao sentido do termo, talvez só haja concordância em afirmar que o 'pós-modernismo' representa alguma espécie de reação ao 'modernismo' ou de afastamento dele." (Harvey,1996:19)

"se é que significa alguma coisa, é mais apropriado para se referir a estilos ou movimentos no interior da literatura, artes plásticas e arquitetura. Diz respeito a aspectos da *reflexão estética* sobre a natureza da modernidade. Embora às vezes apenas um tanto vagamente designado, o modernismo é ou foi uma perspectiva distinguível nestas várias áreas e pode-se dizer que tem sido deslocado por outras correntes de uma variedade pós-moderna."
(Giddens,1991:51-52)

"Ser um pós-modernista significa ter uma ideologia, uma percepção do mundo, uma determinada hierarquia de valores que, entre outras coisas, descarta a idéia de um tipo de regulamentação normativa da comunidade humana e assume que todos os tipos de vida humana se equivalem, que todas as sociedades são igualmente boas ou más; enfim, uma ideologia que se recusa a fazer julgamentos e a debater seriamente questões relativas a modos de vida viciosos e virtuosos, pois, no limite, acredita que não há nada a ser debatido. Isso é pós-modernismo."

(Bauman,Zygmunt, Entrevista ao caderno MAIS da **Folha de São Paulo** em 19/10/2003, disponível em www.opandeiro.net, Materiais do Curso Realidade Brasileira)

"Talvez haja consenso quanto a dizer que o artefato pós-moderno típico é travesso, auto-ironizador e até esquizóide; e que ele reage à austera autonomia do alto modernismo ao abraçar impudentemente a linguagem do comércio e da mercadoria. Sua relação com a tradição cultural é de pastiche irreverente, e sua falta de profundidade intencional solapa todas as solenidades metafísicas, por vezes através de uma brutal estética da sordidez e do choque.

(...)

O pós-modernismo assinala a morte dessas 'metanarrativas', cuja função secreta era fundamentar e legitimar a ilusão de uma história humana 'universal'. Estamos agora no processo de despertar do pesadelo da modernidade, com sua razão manipuladora e seu fetiche da totalidade, para o pluralismo retornado do pós-moderno, essa gama heterogênea de estilos de vida e jogos de linguagem que renunciou ao impulso nostálgico de totalizar e legitimar a si mesmo... A ciência e a filosofia devem abandonar suas grandiosas reivindicações narrativas e ver a si mesmas, mais modestamente, como apenas outro conjunto de narrativas."

(Terry Eagleton, "Awakening from modernity", *Times Literary Supplement*, 20 de fevereiro de 1987, *Apud* Harvey,1996:19-20)

"os editores da revista de arquitetura PRECIS 6 (1987,7-24) vêem o pós-modernismo como legítima reação à 'monotonia' da visão de mundo do modernismo universal. 'Geralmente percebido como positivista, tecnocêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, nas verdades

absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais, e com a padronização do conhecimento e da produção.' O pós-moderno, em contraste, privilegia 'a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural'. A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) 'totalizantes' são o marco do pensamento pós-moderno. A redescoberta do pragmatismo na filosofia (p.ex., Rorty, 1979), a mudança de idéias sobre a filosofia da ciência promovida por Kuhn (1962) e Feyerabend (1975), ênfase foucaultiana na descontinuidade e na diferença na história e a primazia dada por ele a 'correlações polimorfas em vez da casualidade simples ou complexa', novos desenvolvimentos na matemática – acentuando a indeterminação (a teoria da catástrofe e do caos, a geometria dos fractais) -, o ressurgimento da preocupação, na ética, na política e na antropologia, com a validade e a dignidade do 'outro' – tudo isso indica uma ampla e profunda mudança na 'estrutura do sentimento'. O que há em comum nesses exemplos é a rejeição das 'metanarrativas' (interpretações teóricas de larga escala pretensamente de aplicação universal)" (Harvey,1996:19)

"O pós-modernismo, por exemplo, representa uma **ruptura radical com o modernismo** ou é apenas uma revolta no interior deste último contra certa forma de 'alto modernismo' representada, digamos, na arquitetura de Mies van der Rohe e nas superfícies vazias da pintura expressionista abstrata minimalista? Será o pós-modernismo **um estilo** [caso em que podemos razoavelmente apontar como seus precursores o dadaísmo, Nietzsche ou mesmo, como preferem Kroker e Cook (1986), as *Confissões* de Santo Agostinho, no século IV] ou devemos vê-lo estritamente como **um conceito periodizador** (caso no qual debatemos se ele surgiu nos anos 50, 60 ou 70)? Terá ele **um potencial revolucionário em virtude de sua oposição a todas as formas de metanarrativa** (incluindo o marxismo, o freudismo e todas as modalidades de razão iluminista) **e da sua estreita atenção a 'outros mundos' e 'outras vozes'** que há muito estavam silenciados (mulheres, gays, negros, povos colonizados com sua história própria)? Ou não passa da comercialização e domesticação do modernismo e de uma redução das aspirações já prejudicadas deste a um ecletismo de mercado 'vale tudo', marcado pelo *laissez faire*?

Portanto, ele solapa a política neoconservadora ou se integra a ela? E associamos a sua ascensão a alguma reestruturação radical do capital, à emergência de alguma sociedade 'pós-industrial', vendo-o até como a 'arte de uma era inflacionária' [NEWMAN,C. (1984) "The postmodern aura: the age of fiction in an age of inflation". *Salmagundi*, no. 63-64, pp.3-199.]

ou como a '**lógica cultural do capitalismo avançado**' [JAMESON,Fredric. (1984b) "Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism". *New Left Review*, no. 146, pp. 53-92.] (...) ?

(Harvey,1996:47)

"o fato mais espantoso sobre o **pós-modernismo**: sua **total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico** que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular, ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos 'eternos e imutáveis' que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se esponja, nas fragmentárias correntes da mudança, como se isso fosse

tudo o que existisse. (...) **o pós-modernismo tipicamente remonta à ala de pensamento, a Nietzsche em particular, que enfatiza o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ele com o pensamento racional.**"
(Harvey,1996:49)

"A fórmula apresentada por Jean-François Lyotard para a emergência do pós-modernismo, a 'suspeita das metanarrativas' – os princípios orientadores e mitologias universais que um dia pareceram controlar, delimitar e interpretar todas as diferentes formas da atividade discursiva no mundo – conseguiu um amplo acordo. A condição pós-moderna, dizem-nos repetidas vezes, manifesta-se na multiplicação de centros de poder e de atividade e na dissolução de toda espécie de narrativa totalizante que afirme governar todo complexo campo da atividade e da representação sociais. O enfraquecimento da autoridade cultural do Ocidente e de suas tradições políticas e intelectuais, ao lado da abertura do cenário político mundial às diferenças culturais e étnicas, é outro sintoma da modulação da hierarquia em heterarquia, ou diferenças organizadas em num padrão unificado de dominação e subordinação, opostas a diferenças que existem lado a lado, mas que não estão ligadas por nenhum princípio de compatibilidade ou de ordem. A mais famosa imagem de tal situação de 'pura diferença' é o relato de Michel Foucault sobre uma passagem de um conto de Jorge Luis Borges, em que é citada certa enciclopédia chinesa que divide todos os animais nas seguintes categorias: '(a) pertencentes ao Imperador, (b) embalsamados, (c) domados, (d) leitõesinhos, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos na presente classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (l) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (m) et cetera, (n) que acabam de quebrar o cântaro, (o) que de muito longe parecem moscas' [*A palavra e as coisas*]. Foucault alega que há alguma coisa perturbadora e monstruosa nesse catálogo, porque ele não permite o recurso a um princípio ordenador exterior a si mesmo. 'O que é impossível', escreve ele, 'não é a proximidade das coisas relacionadas, mas o próprio lugar em que essa proximidade seria possível'. Foucault denomina essa estrutura de radical incomensurabilidade uma 'heterotopia', e, ao fazê-lo, oferece um nome para todo o universo descentrado do pós-moderno."
(Connor,1996:16)

"Deus, ou qualquer outro grande referente tipo História, Natureza, Conhecimento são liquidados como abonadores da ordem ou de um sentido para o universo e a vida; e em seguida é anulado o realismo, a mais cara das convenções literárias, com sua fé de sapateiro numa realidade objetiva que seria singelamente captada na linguagem por um sujeito-narrador atento e forte, em franca afinidade com as coisas."
(...)

"sem projeto histórico além do consumo, sem novos ideais em substituição aos valores tradicionais, a sociedade pós-industrial abandona o artista à deriva de um pacto patafísico com a entropia: se a desordem é o destino, vamos rir enquanto é tempo."
(SANTOS, J. F. d. (1995). "Barth, Pynchon e outras absurdetes. O pós-modernismo na ficção americana". In: Pós-modernidade. R. C. d. OLIVEIRA. Campinas:São Paulo, Editora da UNICAMP.5.ed. pp.59;71)

Tabela 1.1 Diferenças esquemáticas entre modernismo e pós- modernismo

<i>modernismo</i>	<i>pós-modernismo</i>
romantismo/simbolismo	parafísica/ dadaísmo
forma (conjuntiva/fechada)	antiforma (disjuntiva, aberta)
propósito	jogo
projeto	acaso
hierarquia	anarquia
domínio/logos	exaustão/silêncio
objeto de arte/obra acabada	processo/performance/happening
distância	participação
criação/totalização/síntese	descriação/desconstrução/antítese
presença	ausência
centração	dispersão
gênero/fronteira	texto/intertexto
semântica	retórica
paradigma	sintagma
hipotaxe	parataxe
metáfora	metonímia
seleção	combinação
raiz/profundidade	rizoma/superfície
interpretação/leitura	contra a interpretação/desleitura
significado	significante
<i>lisible</i> (legível)	<i>scriptible</i> (escrevível)
narrativa/ <i>grande histoire</i>	antinarrativa/ <i>petite histoire</i>
código mestre	idioleto [A fala de um único indivíduo]
sintoma	desejo
tipo	mutante
genital/fálico	polimorfo/andrógino
paranóia	esquizofrenia
origem/causa	diferença-diferença/vestigio
Deus Pai	Espírito Santo
metafísica	ironia
determinação	indeterminação
transcendência	imanência

Fonte: HASSAN (1985 ["The culture of postmodernism". *Theory, culture and Society*, no. 2 (3), pp. 119-132] , 123-4)

Obs: hipotaxe = subordinação

parataxe = coordenação assindética: Cheguei, vi, venci. Orações interligadas sem o recurso às conjunções; justaposição

(*Apud* Harvey, 1996: 48)

"o movimento modernista nunca foi homogêneo. Do Futurismo ao Dadá medeiam as distâncias que vão de um discurso colado à arremetida fascista à denúncia visceral de qualquer engajamento. Da mesma forma **não há qualquer unidade dentre as**

experiências artísticas e filosóficas que tem sido postas sob a legenda do pós-modernismo.

Os americanos em geral o consideram como uma mera correspondência na área cultural do advento da tecnologia pós-industrial, baseada nos recursos da cibernética e da informática. Outros autores o entendem como uma crítica voltada à negação total das vanguardas, que exalta o período anterior ao modernismo e se inclina para um retorno às fontes da história e ao passado. Outros ainda o denunciam como uma mera pasteurização dos cacóetos das vanguardas, sem vitalidade e sem compromissos. Concepções todas essas de fundo reacionário e que esvaziam o sentido crítico profundo do movimento, como uma proposta de práticas culturais alternativas, hoje em dia na Europa altamente identificadas com o pacifismo, a ecologia, o feminismo, os movimentos de liberação sexual e manifestações afins."

(SEVCENKO, N. (1995). "O enigma pós-moderno" *In: Pós-modernidade*. R. C. d. OLIVEIRA. Campinas: São Paulo, Editora da UNICAMP. 5.ed.:53)